

Um menino chamado
Gilberto Freyre



Mário Souza Maíor

Copyright ©1999 Mário Souto Maior
Av. Getúlio Vargas, 963
53030-010 Olinda, Pernambuco, Brasil

MsM Web Site
<http://www.soutomaior.eti.br/mario>
mario@soutomaior.eti.br

Todos os direitos reservados são protegidos pela Lei nº 9.610, de 12.02.1998
É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios,
sem autorização prévia, por escrito, do autor

Capa e Projeto Gráfico
Jan Souto Maior
jan@soutomaior.eti.br

Ilustrações
Marcel Gleidson de Melo
marcel@soutomaior.eti.br

Printed in Brasil
Impresso no Brasil

FOI FEITO O DEPÓSITO LEGAL

Venda Proibida
2ª
edição de 10.000 exemplares
destinada exclusivamente à distribuição gratuita
aos estudantes através da Fundação Gilberto Freyre
e do Grupo Elógica

SOUTO MAIOR, Mário. *Um menino chamado Gilberto Freyre*. Recife:
Fundação Gilberto Freyre/Grupo Elógica Edições, 1999. 10p.

1 – FREYRE, Gilberto. 1900-1987 I. Título

CDU 92 (FREYRE, Gilberto)

- 35 - A MULHER E O HOMEM NA SABEDORIA POPULAR. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994.
- 36 - A MULHER QUE ENGANOU O DIABO. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994.
- 37 - AS DOBRAS DO TEMPO: QUASE MEMÓRIAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 38 - O HOMEM E O TEMPO. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 39 - BRASIL X PORTUGAL: AQUELE ABRAÇO. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 40 - FOLCLORE ETC & TAL. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- 41 - OS MISTÉRIOS DO FAZ-MAL. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1996.
- 42 - FREI DAMIÃO: UM SANTO? Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1998.
- 43 - ORAÇÕES QUE O POVO REZA. São Paulo: Editora IBRASA, 1998.
- 44 - PEDRO E SEUS MIL CARNEIRINHOS. Recife, 1998.
- 45 - CANGAÇO: ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999. (Com Lúcia Gaspar)
- 46-PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA: ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999. (Com Lúcia Gaspar)
- 47 - DICIONÁRIO DE FOLCLORISTAS BRASILEIROS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999.
- 48 - A MOÇA QUE CASOU COM UMA COBRA (Infantil). Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999
- 49 - BIBLIOGRAFIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1999.
- 50 - UM MENINO CHAMADO GILBERTO FREYRE. Recife: FGF Edições, 1999.

A SAIR:

ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE (com Waldemar Valente- v.2)
O CARNAVAL: TEXTOS, IMAGENS & SONS (com Fernando Spencer e Renato Phaelante)
QUAL É A SUA GRAÇA?
DICIONÁRIO DE FOLCLORE PARA ESTUDANTES (com Rúbia Lóssio)
UM SÉCULO DE PESQUISA EM CORDEL (com Joseph M. Luyten)
DICIONÁRIO BIO-BIBLIOGRÁFICO DE FOLCLORISTAS PERNAMBUCANOS (com Roberto Benjamim)
JOÃO MARTINS DE ATHAYDE: UM POETA DO POVO
UM MENINO CHAMADO HÉLDER CÂMARA
UM MENINO CHAMADO JOAQUIM NABUCO

- 13 - DICIONÁRIO DO PALAVRÃO E TERMOS AFINS (1ª, 2ª e 3ª edições). Recife: Editora Guararapes Limitada, 1980; (4ª, 5ª, 6ª e 7ª ed). Rio de Janeiro: Record, 1988/1998, 173p.
- 14 - FOLCLOREOTISMO (1ª e 2ª edições). Recife: Pirata, 1980,1981.
- 15 - GALALAU E BATORÉS. Recife: Editora Universitária - UFPE, 1981.
- 16 - PAINEL FOLCLÓRICO DO NORDESTE. Recife: Editora Universitária - UFPE, 1981.
- 17 - COMES E BEBES DO NORDESTE (1ª, 2ª e 3ª ed.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco,1984-1985; 4ª ed., Recife: Bagaço, 1995.
- 18 - MULHERES E RUAS. Recife: Grumete Edições, 1984.
- 19 - SETE ESTÓRIAS SEM REI. Recife: Grumete Edições, 1984.
- 20 - REMÉDIOS POPULARES DO NORDESTE. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1986.
- 21 - FOLCLORE QUASE SEMPRE. Recife: Grumete, 1986.
- 22 - VELHOS E JOVENS: UMA FOLCLÓRICA RIVALIDADE. Recife: Grumete, 1987.
- 23 - FOLCLORE & ALIMENTAÇÃO (Prêmios Silvio Romero, 1979 e Gran-Prêmio Iberoamericano Augusto Cortázar, 1989. Fondo Nacional de las Artes. Ministerio de Educación y Justicia, Argentina). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1988.
- 24 - ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE. Recife: Editora Massangana, 1988. (Com Waldemar Valente)
- 25 - ANTOLOGIA DA POESIA POPULAR DE PERNAMBUCO. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1989. (Com Waldemar Valente)
- 26 - ANTOLOGIA DO CARNAVAL DO RECIFE . Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1991. (Com Leonardo Dantas Silva)
- 27 - A LÍNGUA NA BOCA DO POVO. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1992.
- 28 - SOGRAS: PRÓS & CONTRAS E OUTRAS CONVERSAS. Recife, 1992.
- 29 - O RECIFE: QUATRO SÉCULOS DE SUA PAISAGEM . Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1992. (Com Leonardo Dantas Silva)
- 30 - O PUXA-SACO: AQUI, ALI & ACOLÁ. Recife, 1993.
- 31 - A PAISAGEM PERNAMBUCANA. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1993. (Com Leonardo Dantas Silva)
- 32 - TRÊS ESTÓRIAS DE DEUS QUANDO FEZ O MUNDO (Folclore Infantil). Recife: 20-20/ Comunicação e Editora, 1993.
- 33 - RIQUEZA, ALIMENTAÇÃO E FOLCLORE DO COCO. Recife: 20-20/ Comunicação e Editora, 1994.
- 34 - GEOGRAFIA VOCABULAR DO PAU ATRAVÉS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Recife: 20-20/Comunicação e Editora, 1994.

Um menino chamado Gilberto Freyre

LIVROS DE MÁRIO SOUTO MAIOR

- 01 - MEUS POEMAS DIFERENTES. Recife, 1938.
- 02 - ROTEIRO DE BOM JARDIM. Recife, 1954. (Com Moacyr Souto Maior)
- 03 - COMO NASCE UM CABRA DA PESTE. São Paulo : Arquimedes Edições, 1969; 2ª ed. Recife: Edições Grumete, 1984; 3ª ed. Recife : 20-20 Comunicação e Editora/ Fortaleza : Biblioteca O Curumim Sem Nome, 1997; edição em CD, idem, 1997; adaptação teatral, Altimar Pimentel. Recife: 20-20 Comunicação e Editora/Fortaleza: Biblioteca O Curumim Sem Nome, 1997; edição em Vídeo. Cabedelo : BF-Vídeo Produções, 1997.
- 04 - O CICLO. Recife, 1970.
- 05 - CACHAÇA. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1970/71; 2ª ed. Brasília: Thesaurus, 1985.
- 06 - ANTÔNIO SILVINO, CAPITÃO DE TRABUCO. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 1971.
- 07 - EM TORNO DE UMA POSSÍVEL ETNOGRAFIA DO PÃO. Recife, 1971.
- 08 - DICIONÁRIO FOLCLÓRICO DA CACHAÇA (1ª edição). Recife, 1973; 2ª edição, Fundação Joaquim Nabuco, 1980; 3ª edição, Editora Massangana, Recife, 1985.
- 09 - A MORTE NA BOCA DO POVO. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.
- 10 - NOMES PRÓPRIOS POUCO COMUNS (1ª e 2ª edições). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974; 3ª ed., Recife, 1992; 4ª ed., Recife: Bagaço, 1996.
- 11 - TERRITÓRIO DA DANAÇÃO. (Prêmio Vânia Carvalho, da Academia Pernambucana de Letras, 1977), Rio de Janeiro: Livraria São José, 1976.
- 12 - NORDESTE: A INVENTIVA POPULAR. (Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Pernambucana de letras, 1976). Rio de Janeiro: Editora Cátedra/INL, 1978.

arborizada, com jaqueiras, mangueiras, sapotizeiros, goiabeiras e outras plantas de variadas espécies, entre seus muitos pés de pitanga, fruta com a qual sabia fazer uma bebida muito gostosa. A *Vivenda Santo Antônio de Apipucos* era um verdadeiro sítio ecológico, com suas árvores, seus canários, beija-flores, sabiás, calangos, sagüis, cobras, timbus, borboletas.

No dia 18 de julho de 1987, com 87 anos de idade, na sua cidade do Recife, da qual nunca quis se separar, morreu Gilberto Freyre, cobrindo o Brasil de luto. Sua mulher e seus filhos, num gesto de muito amor à sua memória, abriram mão de seus direitos de herança e, da saudade deles e de todos nós, nasceu a Fundação Gilberto Freyre, para perpetuar sua memória e sua glória.

Na Fundação Gilberto Freyre vocês poderão encontrar tudo que lhe pertenceu: a biblioteca, as medalhas, as condecorações, seus quadros, móveis, sua correspondência com as pessoas mais ilustres do mundo.

Qualquer dia destes, meus netos, vou levar vocês para conhecer a Fundação Gilberto Freyre, em homenagem a um dos maiores brasileiros de que se tem notícia e que engrandeceu Pernambuco e, como sociólogo, antropólogo, professor, poeta, jornalista, pintor, ficcionista, soube, mais do que ninguém, honrar a nossa pátria.

E todos os netos, de pé, bateram palmas para o grande brasileiro. Eduardo, com quase seus dois anos, acordou assustado com o barulho. Mas foi quem mais bateu palmas...



- Carolina, Érica, Marcelo, Bruno, Lucas, Eduardo!
Venham sentar aqui, bem perto de mim, meus netos!
Fiquem quietinhos, em silêncio e prestem bem atenção.

Eu vou contar pra vocês uma história, uma história diferente. Uma história diferente porque é uma história sem reis nem rainhas, sem princesas nem príncipes, sem fadas com suas varinhas de condão nem bruxas com suas maldades, sem castelos misteriosos nem dragões botando fogo pelo nariz. E por quê? Porque a história que vou contar é uma história de verdade, *de mesmo*, e que aconteceu no começo deste século que está quase acabando. É a história de um menino chamado Gilberto de Mello Freyre. Um menino que virou gênio...

- Um gênio como aqueles que moram dentro de uma garrafa e que, quando são libertados, realizam três desejos da pessoa que achou e destampou a garrafa, *vô?* – indagou Érica, muito curiosa.

- Não, Érica. Na história que estou contando, gênio é uma pessoa que sabe tudo, um sábio.

- Entendi, *vô!* Quer dizer que o menino Gilberto Freyre era um menino que já sabia de tudo, que era um sábio? – perguntou Érica.

- Não, Érica. O menino Gilberto Freyre não foi um gênio, nem um sábio desde que nasceu. Tornou-se um sábio depois que cresceu, ficou homem e estudou muito. É que ele era muito curioso, como você, muito observador e gostava de saber *o porquê* das coisas. Mas, deixem-me continuar minha história.

O menino Gilberto Freyre nasceu no dia 15 de março de 1900, na cidade do Recife, numa pequena casa (hoje não existe mais, em seu lugar foi construído um palacete) que fazia esquina da Avenida Rosa e Silva com a Rua Amélia, nos Aflitos. Seu pai, o Dr. Alfredo Alves da Silva Freyre, professor da Faculdade de Direito do Recife, era um homem muito instruído e que falava diversas línguas. Sua mãe chamava-se Francisca de Mello Freyre, uma senhora, também, de uma tradicional família pernambucana, cumpridora de seus deveres de devotada mãe de família.

O menino Gilberto foi um menino igualzinho aos meninos de seu tempo, quando ainda não existiam o rádio, a televisão, o *video-game*, o computador. Ouvia histórias de Trancoso contadas pela velha cozinheira. Brincava com bolinhas de gude. Empinava papagaios. Jogava futebol. Com seu irmão Ulysses fazia longos passeios de bicicleta, enquanto suas irmãs Gasparina e Maria da Graça – a caçula – brincavam com bonecas. Mas quando os primos apareciam em sua casa, brincavam de *cabra-cega*, *dono da calçada*, de *adivinhação*. Por incrível que pareça, ele teve dificuldades em aprender a ler. Preferia desenhar bichos, árvores e pessoas, recebendo elogios da parte dos que viam sua habilidade com o lápis. Mas quando aprendeu a ler, lia tudo que lhe passava pelas mãos.

Seu pai cuidou cedo de sua educação. Teve professores particulares e o Dr. Alfredo, mesmo, lhe ensinou português e latim, uma língua morta.



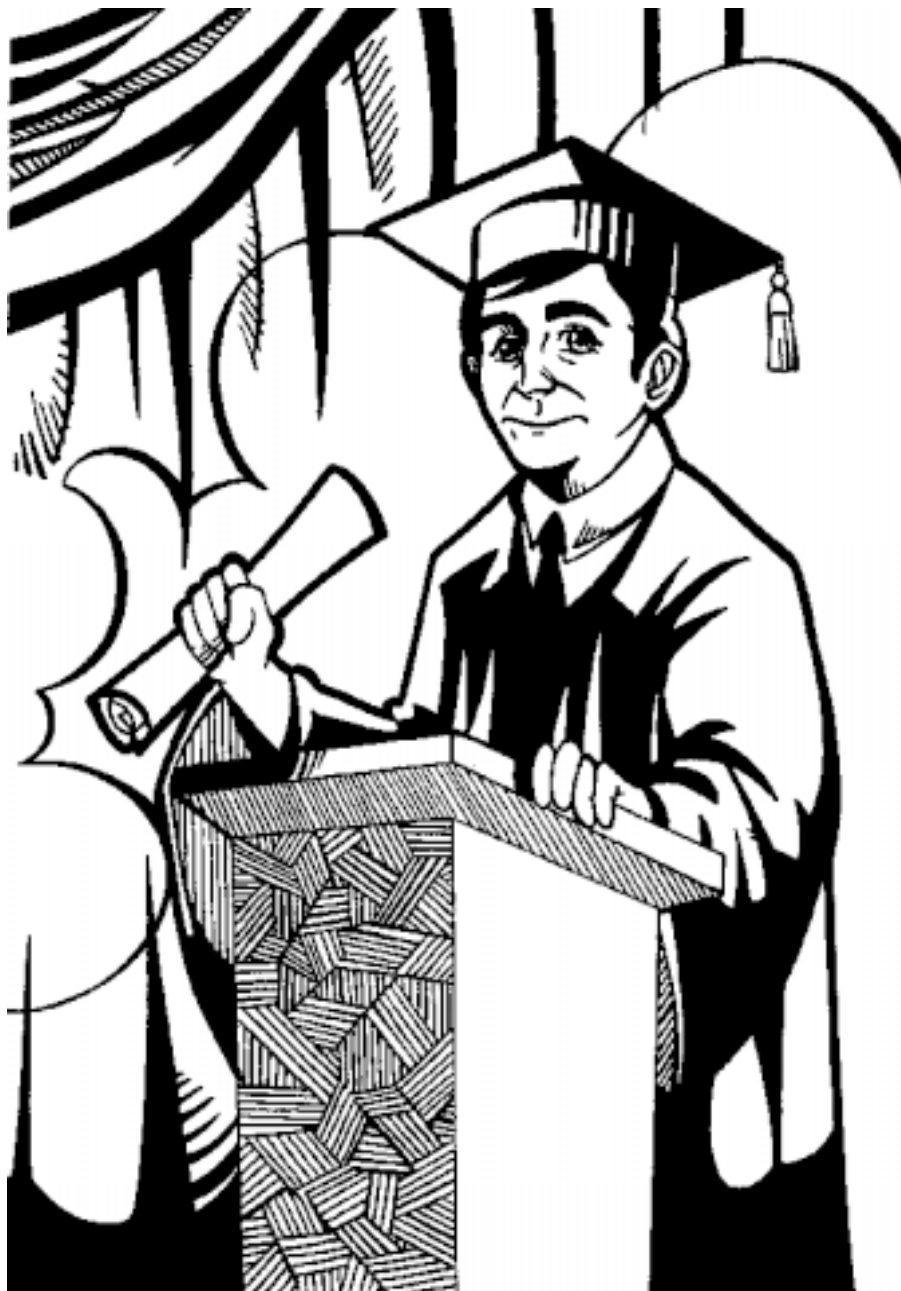
homem que defendeu a liberdade, homenageou Joaquim Nabuco dando, por ocasião das comemorações do centenário de seu nascimento, o nome dele ao Instituto de Pesquisas Sociais que, somente em 1980, se transformou em Fundação Joaquim Nabuco.

O nome do Dr. Gilberto Freyre se espalhou pelo mundo todo. Alguns de seus livros foram traduzidos em diversas línguas. Recebia muitos convites para pronunciar conferências em universidades do mundo inteiro. Ganhou o *Prêmio Aspen* dos Estados Unidos, o *Prêmio Internazionale La Madonnina*, a *Grã Cruz da Ordem de Cristo*, *Santiago d'Espada*, *Rio Branco*, e muitas outras condecorações, medalhas e diplomas, além de receber, da Rainha da Inglaterra, o título de *Sir*; só concedido às pessoas mais ilustres do mundo que se distinguiram nas Ciências, nas Artes e nas Letras.

Trabalhando numa sala próxima a do Dr. Gilberto Freyre, um dia – prestem atenção e vejam como ele gostava de crianças – apareceu um menino com um gravador, querendo fazer uma entrevista com ele. Fui falar com Dr. Gilberto que, apesar de estar, como sempre, muito ocupado, recebeu o menino, deu a entrevista e o menino foi embora. Uma meia hora depois o menino voltou e disse que havia esquecido de ligar o gravador. Voltei a falar com Dr. Gilberto Freyre que, com um sorriso nos lábios, concordou em repetir a entrevista, desta vez com o gravador ligado, por mim.

Outra coisa que vocês precisam saber: Dr. Gilberto Freyre recebeu vários convites do Brasil e do estrangeiro não somente para exercer altos cargos como para ensinar em famosas universidades. Vocês pensam que ele aceitou os convites? Não. Seu amor ao Recife era tão grande que ele sempre preferiu viver aqui, rodeado pela mulher, dona Magdalena, e seus filhos Fernando e Sonia, na paz de seu sítio conhecido como *Vivenda Santo Antônio de Apipucos*, com uma área de dez mil metros quadrados, toda





- Uma *bomba*, porque contava coisas que ninguém nunca teve coragem de contar. Não tardou que o livro fosse traduzido para o espanhol, o francês, o inglês, o alemão e outras línguas.

Aconteceu uma coisa interessante com o Dr. Gilberto Freyre. Em 1942, sempre defendendo a liberdade e o direito das pessoas, fazendo conferências e participando de comícios etc, por questões políticas, foi preso e levado para a Casa de Detenção. O difícil foi prender Dr. Gilberto! Foram necessários alguns homens para dominá-lo. Foi uma briga *braba*! Logo depois de preso ele foi solto, pois não havia cometido nenhum crime.

Chegada a época das eleições, os estudantes pernambucanos lançaram a candidatura do Dr. Gilberto à Câmara Federal. Apuradas as eleições, Dr. Gilberto Freyre foi eleito.

Na Câmara Federal dos Deputados – que é o lugar onde todos os deputados se reúnem para apresentar, discutir, aprovar ou não as leis brasileiras – Dr. Gilberto Freyre apresentou um projeto criando o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, com a finalidade de estudar o homem e seus problemas no Norte e Nordeste brasileiros. O projeto foi aprovado e o Instituto passou a fazer pesquisas sobre os mais diferentes problemas da região, como a seca, o trabalhador rural, os trabalhadores de baixa renda, a mulher, o folclore e muitos outros.

Carolina levantou a mão e perguntou:

- Por que é que Dr. Gilberto Freyre *batizou* o Instituto de Pesquisas Sociais com o nome de Joaquim Nabuco, *vô*?

- Por uma razão muito simples, Carolina. Joaquim Nabuco foi um homem que muito honrou Pernambuco, principalmente na campanha que acabou com a escravidão no Brasil. Não era justo que seres humanos, pelo simples fato de terem a pele negra, fossem tratados como animais e tivessem donos como uma casa, uma cadeira, uma roupa. E Joaquim Nabuco lutou muito para que a escravidão acabasse. E como Dr. Gilberto Freyre sempre foi um



- Por que o latim era uma língua morta? – quis saber Bruno. Quem matou o latim?

- Nada disso, Bruno. O latim é chamado de língua morta porque hoje nenhum povo fala latim, como os franceses falam francês, os portugueses falam português, os ingleses falam inglês. Língua muito antiga, o latim deu origem às línguas portuguesa, francesa, italiana, espanhola e romena, chamadas de línguas neo-latinas. E querem saber de uma coisa? O menino Gilberto, com apenas 14 anos de idade, já ensinava latim!

- Nossa, vô! O menino era mesmo muito inteligente!

- E tem mais: também aprendeu inglês. E o rapazinho, com muita garra, muita força de vontade, *se mandou* para o estrangeiro e, com apenas vinte anos, recebeu o grau de Bacharel na Universidade de Baylor.

- E onde fica a Universidade de Baylor, vô? – quis saber Érica.

- A Universidade de Baylor, Érica, fica nos Estados Unidos. E lá, o agora Dr. Gilberto Freyre conheceu muita gente famosa, fez muitas amizades, aprendeu muito e começou a escrever artigos para o *Diário de Pernambuco*, que depois foram publicados no seu livro *Artigos de Jornal*. Vejam vocês como um menino inteligente, com muita força de vontade e muita curiosidade se tornou um dos brasileiros mais ilustres e uma glória para os pernambucanos.

E já estava dando a história como encerrada quando Carolina, que me *inaugurou* avô, falou:

- Agora, vô, queremos saber mais coisas sobre Dr. Gilberto Freyre. Estamos com uma curiosidade enorme. Conta, vô!

- Terminado o curso na Universidade de Baylor, Dr. Gilberto Freyre foi para a Universidade de Columbia, onde obteve o grau de Mestre com a dissertação *Vida Social no Brasil nos meados do século XIX*, depois do que voltou ao Recife e, por ser um jovem

muito talentoso e muito brilhante, foi nomeado secretário do Dr. Estácio Coimbra, governador de Pernambuco. Como secretário, Dr. Gilberto cuidou de ajudar as manifestações folclóricas, entre as quais, o carnaval. Naquela época, em 1930, a situação política brasileira andava muito confusa e, por todo o país, alguns políticos estavam planejando uma revolução para derrubar o presidente Washington Luís e os governadores que lhe eram fiéis.

- Derrubar, *voinho*? E ele chorou quando caiu? Será que ele quebrou o braço? – indagou Lucas.

- Não, Lucas. Derrubar quer dizer sair do poder. Deixar de ser presidente, entendeu?

- Entendi, *voinho*!

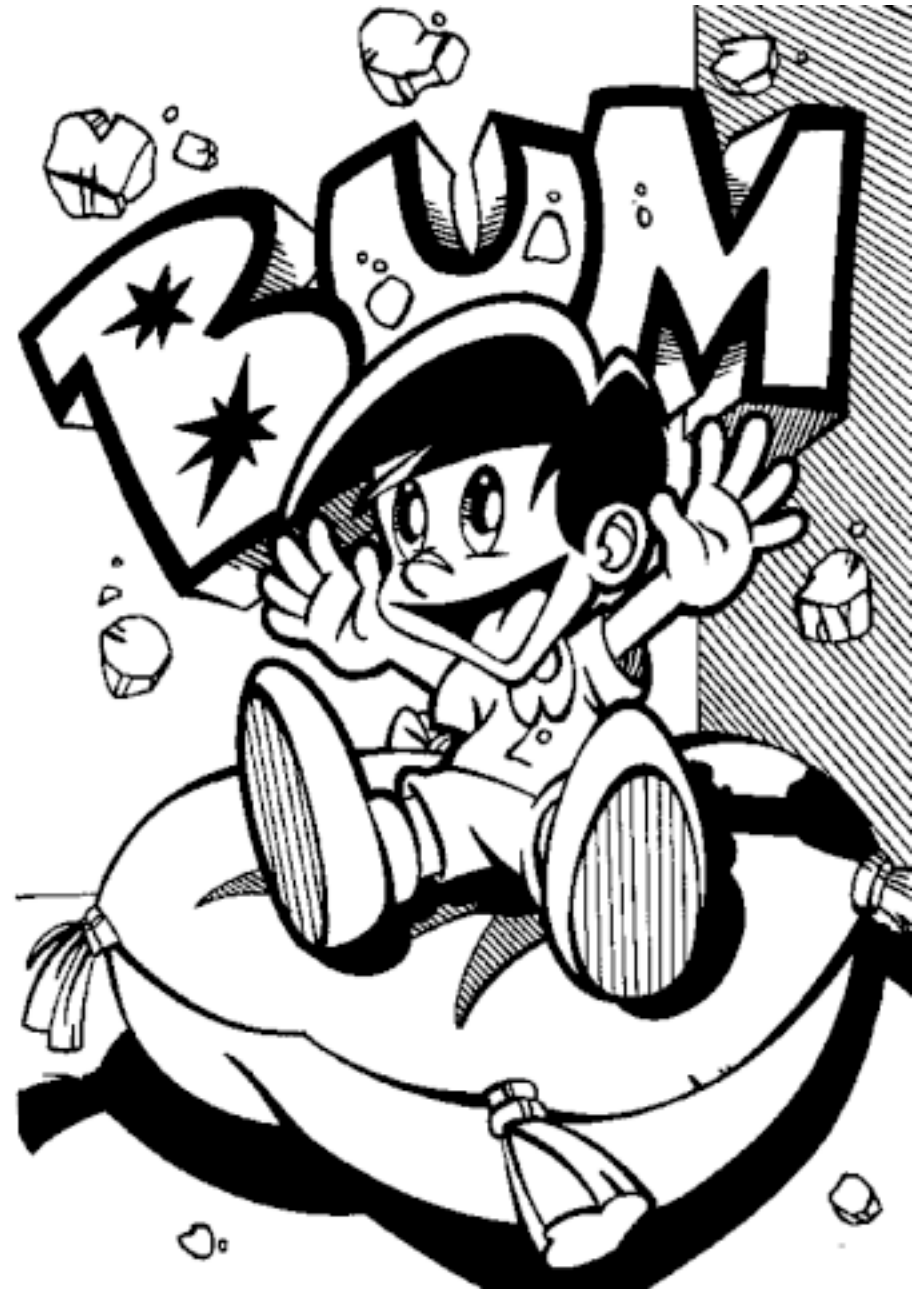
- E, no dia 4 de outubro, a revolução ganhou as ruas, os quartéis, e o povo, com um lenço vermelho no pescoço, começou a depredar carros, incendiar casas e outras coisas dessa natureza. O governador Estácio Coimbra e seus seguidores, entre os quais o Dr. Gilberto Freyre, se viram obrigados a deixar o país com destino à Europa.

Na Europa, o Dr. Gilberto Freyre aproveitou o tempo para estudar, visitar museus, pesquisar na Torre do Tombo, onde estão guardados os documentos mais antigos de nossa História, recolhendo material para escrever *Casa-Grande & Senzala*, sua obra-prima, publicada em 1933, depois de regressar ao Brasil.

- Não entendi foi essa estória de *obra-prima*, *vô*! O que o livro, escrito pelo Dr. Gilberto, tem a ver com a prima? – quis saber Marcelo.

- Sua pergunta foi muito boa, Marcelo. Pois fique sabendo que quem escreveu livros, sempre tem um deles considerado como *obra-prima*. *Prima*, em latim, quer dizer primeiro, principal, o melhor dos livros escritos pelo autor.

- E *vô* também fala latim? – indagou Bruno.



- Não. Nunca consegui aprender latim, que é uma língua muito difícil. Voltando ao assunto, eu fico pensando que se não houvesse existido a Revolução da Aliança Liberal, em 1930, e o Dr. Gilberto não tivesse se exilado na Europa, talvez ele não tivesse escrito *Casa-Grande & Senzala*.

- Eu estou *voando, vô!* Não estou entendendo. O que quer dizer casa-grande e senzala ?... Podia explicar isso direitinho, vô? – pediu Érica.

- Bem. Vocês sabem que Pernambuco sempre foi o Estado brasileiro que fabrica mais açúcar, não é? E o açúcar era fabricado onde e por quem?

- Eu sei, vô! - falou Carolina. O açúcar era fabricado nos engenhos...

- Exatamente, Carolina. O açúcar, no começo, antes das usinas, era fabricado nos engenhos. E quem trabalhava nos engenhos? Os escravos, vindos da África. Pois bem, a *casa-grande* era a maior e a melhor casa, onde moravam os donos de engenhos, chamados senhores-de-engenhos, e suas famílias. Já a *senzala* era o lugar onde moravam os escravos.

- Entendido, vô!

- Vocês estão compreendendo esta parte da vida de Dr. Gilberto?

- Estamos, vô! - responderam todos, menos Lucas e Eduardo, os dois últimos netos, dois pirralhos que já estavam cochilando no sofá.

- No Recife e no Brasil inteiro, depois da publicação de *Casa-Grande & Senzala*, Dr. Gilberto Freyre ficou logo muito famoso e começou a ser convidado para fazer conferências nas universidades brasileiras e estrangeiras. A verdade é que *Casa-Grande & Senzala* foi uma verdadeira *bomba*.

- Bum! - gritou Eduardo, que ainda não sabe falar direito.



